

# A NOÇÃO DE GÊNERO: ALGUMAS EVIDÊNCIAS E DIFICULDADES

## Résumé

*Dans ce travail, on discutera la notion de genre qui est fondamentale et polémique. D'une part, les genres se montrent comme tels soit à l'oral soit à l'écrit. D'autre part, ils est difficile de les définir par leur forme linguistique et d'en faire un inventaire.*

**Palavras-chave:** gênero; metagênero; paratexto.

A questão dos gêneros foi, durante séculos – de Aristóteles a Hegel - o objeto central da poética. Após um século de abordagem historicista e positivista, a partir da década de setenta, a noção de gênero voltou a ser objeto de interrogação na teoria da literatura. Os trabalhos de Todorov (1978) e Genette et al. (1986) ilustram essas retomada de interesse pela noção.

Nos últimos quinze anos, a lingüística, tanto teórica quanto aplicada, tem elaborado teorias e classificações dos gêneros, com vistas à compreensão do funcionamento da linguagem, ao ensino de línguas, à aquisição da linguagem.

Trata-se, portanto, de uma noção essencial para as ciências da linguagem. No entanto, ela não é unívoca e apresenta alguns problemas. Nesse trabalho, serão apresentadas algumas reflexões sobre as evidências e as dificuldades da noção, chamando a atenção para o que Lane (1992) chama de *periferia do texto*. São os *elementos paratextuais* que indicam explicitamente o gênero e a *estrutura visual* (Arabyan, 1999) dos objetos textuais, considerados aqui como elementos metagenéricos.

## Conceituação

Ao longo da história, os gêneros foram vistos, conforme lembram Freedman e Medway (1994),

como literários; fixos e imutáveis; definidos por regularidades textuais de forma e conteúdo; classificados em categorias claras e mutuamente exclusivas e em subcategorias. Nessa visão tradicional, encontram-se os *gêneros* épico, lírico e dramático. Outra tradição, a retórica, propõe cinco grandes formas ou *tipos* textuais - argumentação, descrição, narração, explicação e diálogo (Adam, 1992).<sup>1</sup>

Nos últimos anos, como vimos, a noção de gênero foi reconcebida pelos lingüistas. Segundo Freedman e Medway (1994), “os gêneros passaram a ser vistos como maneiras típicas de engajar-se retoricamente com situações recorrentes”. Para esses autores, os traços formais de um determinado gênero estão relacionados ao motivo social do escrevente em responder a uma situação social recorrente<sup>2</sup>.

É importante destacar que foi a reflexão de Bakhtin sobre os gêneros do discurso que deu origem à renovação das teorias. Por isso, retomamos aqui, por falta de espaço, apenas essa reflexão. Bakhtin introduz a noção mostrando que as diferentes esferas da atividade humana são acompanhadas pela linguagem e comportam um repertório de gêneros. Deste ponto de vista, as diferentes atividades humanas determinam o gênero ou tipo de enunciado, que por sua vez reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas pelo conteúdo temático, pelo estilo de língua, e pela construção composicional.

Nessa perspectiva, a quantidade e a diversidade de gêneros são inesgotáveis, uma vez que são inúmeras as atividades humana. Para ilustrar a heterogeneidade dos gêneros – orais e escritos - Bakhtin apresenta uma lista que inclui a réplica o diálogo cotidiano, o relato familiar, a carta, o comando militar padronizado, documentos oficiais, a comunicação científica e os diferentes modos literários. Para ele, uma concepção clara dos *gêneros primários* e se-

<sup>1</sup> Apesar de serem seculares, há muitas divergências quanto a essas classificações. Salientamos que discutiremos aqui apenas a noção de gênero.

<sup>2</sup> Essa é a definição adotada por lingüistas anglófonos, preocupados com a composição escrita, a escrita no mundo do trabalho, o ensino do inglês como língua materna e como língua estrangeira.

*cundários* é indispensável para qualquer estudo, se não cai-se no formalismo e na abstração, desvinculando o objeto de estudo da historicidade e enfraquece-se a ligação entre a língua e a vida. Os gêneros primários se constituem nas circunstâncias de uma troca verbal espontânea. “Os gêneros secundários – o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc. – aparecem nas condições de uma troca cultural (principalmente escrita) – artística, científica, sócio-política - mais complexa e relativamente mais evoluída” (Bakhtin, 1979:267). São gêneros formados pelos primários, perdendo assim a relação imediata com o real e com o real do enunciado de outrem.

É interessante notar que, diferentemente da maioria dos estudiosos, Bakhtin não se dedica à classificação dos gêneros, mas à descrição das cinco particularidades do enunciado ou gênero do discurso: o enunciado é delimitado por fronteiras claras que são as mudanças de locutor; é acabado: ele tem fronteiras – um começo e um fim, um acabamento, que é percebido pela exaustividade do objeto de sentido, pelo projeto discursivo do locutor e pelas formas-tipo de estruturação do gênero; é marcado pela expressão do locutor, não havendo possibilidade de neutralidade quando se fala de enunciados concretos; o enunciado mantém relação com aqueles que lhe precederam e com os que estão por vir, sobre o mesmo objeto; é voltado para o alocutário, trazendo assim a resposta presumida, as objeções, restrições do alocutário.

Como se vê, a teoria bakhtiniana não adota critérios lingüísticos, mas enunciativos. Ela tornou-se referência por introduzir as instâncias reais de uso da língua: “a escolha (de um gênero) é determinada em função da especificidade da esfera em que ocorre a interação verbal, das necessidades de uma temática (do objeto de sentido) e do conjunto constituído pelos participantes, etc.” (Bakhtin, 1979: 284). A discussão a seguir terá por base essa caracterização do enunciado ou dos gêneros do discurso.

### **Algumas evidências: elementos metagenéricos**

Todo membro de uma comunidade lingüística é confrontado a um universo de textos, organizados em gêneros empíricos e históricos. Isso faz com que todo locutor tenha um conhecimento intuitivo dos gêneros, de suas regras e propriedades específicas. Isso ocorre porque, conforme sustenta Bakhtin (1979: 265), há tipos relativamente estáveis de enunciados para as diferentes atividades humanas cuja “construção composicional” é determinante para o seu reconhecimento. Na escrita são os elementos paratextuais e a estrutura visual dos objetos textuais, considerados aqui como elementos metagenéricos, que indicam explicitamente o gênero.

Esses elementos foram inicialmente definidos pelos teóricos da literatura. Referindo-se à obra literária, Genette (apud Lane, 1992) menciona tudo o que acompanha o texto, formas verbais ou não ver-

bais, “que o circundam e o prolongam para apresentar /.../ *torná-lo presente*, garantir sua presença no mundo”. É através do paratexto que o texto se dá e se propõe como tal para os leitores, afirma Genette. Dubois (1973) usa o termo metatextual para se referir aos elementos verbais e não verbais situados na fronteira do texto. Genette analisa a paratextualidade como um dos tipos de relações transtextuais. Ou seja, como os gêneros, o paratexto só pode ser definido com relação a outros gêneros. Lane (1992) distingue dois componentes do paratexto: o peritexto, tudo o que está em torno do texto no espaço do mesmo volume, e o epitexto, produções sobre o texto situadas no exterior do livro. Nesse estudo, examinamos apenas algumas características do peritexto: nome do autor, título, subtítulos e a estrutura visual.

### **O nome do autor**

O nome do autor é uma inscrição essencial do paratexto. Segundo Foucault (1969: 83), “o nome do autor manifesta o acontecimento de um certo conjunto de discursos e se refere ao status deste discurso numa sociedade e numa cultura”. Podemos dizer, a partir dessa definição de Foucault, que o nome do autor é um indicador do gênero. Graciliano Ramos, Saussure, Descartes são nomes de autores que permitem ao leitor, antes de entrar no texto, identificar os gêneros secundários de que fala Bakhtin: literário, científico e filosófico. Além disso, o nome do autor permite conjugar o reconhecimento de pertença de um livro a um autor e correlacionar a obra à personalidade histórica que o nome designa. Vê-se portanto como o paratexto funciona como elemento metagenérico.

### **Título e subtítulo**

Sendo o título um dos elementos do paratexto, ele tem as funções que Lane (1992) enumera para o conjunto dos elementos perigráficos: informar e convencer, asserir e argumentar. Essas funções indicam ao mesmo tempo a força ilocucionária do paratexto e seu aspecto funcional. Entre as informações contidas no título está a relativa ao gênero, sobretudo nos textos não-literários. Vejamos alguns títulos que ilustram bem essa função: *Memórias do cárcere* (Graciliano Ramos); *O mundo de Sofia – romance da história da filosofia* (Jostein Gaarder); *História da Educação – da Antigüidade aos nossos dias* (Mario Manacorda); *A vida como ela é... O homem fiel e outros contos* (Nelson Rodrigues); *Diário de um século – Autobiografia* (Norberto Bobbio).

### **A estrutura visual do texto**

Os acompanhantes não verbais que compõem o cotexto da escrita – pontuação, diagramação, forma da letra constituem sistemas semiológicos legítimos (Arabyan, 1999:99). Embora a imagem do texto seja um material estranho à lingüística, segundo esse autor, todos os objetos textuais são caracterizados pela

estrutura visual, a qual pertence o modo de significar do texto. Arabyan ilustra a afirmação tomando a carta como exemplo: o lugar e a data de redação em parágrafo inicial, separado de uma forma de polidez fazem parte do texto desde o início e formam um dispositivo próprio da escrita..

Na escrita, os sistemas não verbais de organização e de comunicação são tão importantes que existem manuais, como as *Normas sobre correspondências e atos oficiais*, editado pelo MEC. Nessa publicação, se definem os gêneros da comunicação institucional, se apresenta a estrutura e se expõe um exemplo de cada gênero definido, com todas as indicações dessa estrutura visual - uso de maiúsculas, margens, espaçamentos, distribuição dos elementos no papel. Trata-se portanto de um elemento metagênérico que faz com que as pessoas letradas reconheçam não só os gêneros da administração (ata, requerimento, edital, portaria, etc.) mas muitos outros, como o horóscopo, a entrevista, o artigo científico, etc.

No entanto, como veremos a seguir esses mesmos elementos podem servir para outros fins, o que faz com que a questão dos gêneros esteja em constante discussão.

## Dificuldades da noção de gênero

Quando se discute sobre gêneros, a primeira dificuldade é terminológica. Gênero, tipo, forma, modo ou ainda gêneros textuais, gêneros discursivos, tipos textuais, tipos de discurso são denominações encontradas na literatura e refletem a diversidade de abordagens. Não cabe aqui, contudo, uma apresentação das convergências e divergências teóricas que subjazem a essa diversidade.

Vejamos algumas dificuldades apontadas François (1998), que considera a noção de gênero como a mais característica da linguagem, aparecendo como categoria central de análise na sua teoria :

- 1 os gêneros não são puros e comportam sub-gêneros ou tipos textuais. Por isso, fica difícil classificar alguns gêneros. É o caso da bíblia, por exemplo;
- 2 os gêneros podem se mimetizar para fazer outra coisa. Podemos citar como exemplo os seguintes títulos: *Ensaio sobre a cegueira*, romance de José Saramago, *Como Proust pode mudar a sua vida* de Alain de Botton, que imita o gênero auto-ajuda para fazer outra coisa, *Faça você mesmo sua própria infelicidade* de Paul Watzlawick, uma paródia dos livros de conselhos práticos;
- 3 “todo texto comporta - nem que seja pelo título - um gênero anunciado, um domínio anunciado, um mundo anunciado realidade ou ficção, uma relação anunciada ao receptor, uma figura anunciada do autor. O trabalho de ler, do mesmo modo que o prazer da leitura, consistem em que as determina-

ções abstratas se acham modificadas pelo texto concreto ou por uma leitura concreta” (François, 1998: 110). Segundo o autor, essas modificações ocorrem porque os textos estão em relação com outras semiologias, tanto na fala como na escrita;

- 4 há uma ligação complexa entre as diferenças temáticas com os modos de dizer. A classificação dos gêneros está ligada a dos temas e de seus movimentos e os movimentos dos temas caracterizam o espírito de uma época. Os gêneros do correio eletrônico ou do bate-papo na internet ilustram claramente essa relação entre tema e gêneros;
- 5 um gênero se define também pelo seu modo de relação com outros. Um texto pode se definir como um parêntese com relação a outros ou indicar seu próprio espaço. Além disso, ele se apresenta para o leitor como tal independente de vir indicado na capa, na introdução ou no título. Vale lembrar aqui *o era uma vez...* dos contos para crianças;
- 6 não se leva em conta a recepção quando se teoriza sobre os gêneros. Assim como um discurso reportado pode ser reconhecido sem que seja marcado pelo enunciador como tal (Cunha, 1992), o gênero vai se manifestar pelos diferentes modos de recepção/percepção. Podem ser recebidos como esperado, anunciado, ou ao contrário, não cumprir o que pretende para o leitor. Dessa forma, um texto pode se dar como teórico e apresentar marcas do discurso comum. Ler um texto consiste em reconstituir os tipos de gêneros discursivos, diferentes daqueles anunciados pelo autor, em ser sensível às particularidades do seu estilo (François, 1998).

Podemos acrescentar a essa lista uma outra dificuldade: o gênero do discurso é um esquema de base que se realiza na forma de variantes. Daí a impossibilidade de se fixar as características lingüísticas de um gênero.

Todas essas dificuldades permitem compreender por que não é possível definir um gênero tendo por base as formas lingüísticas que tomam, nem fazer um inventário exaustivo dos gêneros. No entanto, não se pode fazer uma análise da linguagem<sup>3</sup> sem levar em conta que os objetos são dados em gêneros.

## Considerações finais

A discussão sobre os elementos paratextuais incita a levar em conta a construção composicional, apontada por Bakhtin, na discussão teórica e nas análises do gêneros discursivos. São usados critérios de ordem pragmática – modo enunciativo, intenção comunicativa e condições sociais de produção - e lingüística para se propor tipologias, sem levar em consideração os elementos perigráficos – elementos metagêneros e as dificuldades aqui destacadas.

<sup>3</sup> Analisar a linguagem significa ir além do quadro das estruturas lingüísticas (objeto da análise da língua) para estudar o sentido em função da relação com os elementos extra-lingüísticos (constitutivos dos lingüísticos) e com os enunciados que o precedem, seja no cotexto ou no contexto mais amplo (François et al., 1984).

## Referências Bibliográficas

- ARABYAN (1999) “Indagações sobre o canal tipográfico dos objetos textuais”. In Moura, D. (org.) *Os múltiplos usos da língua*. Maceió, EDUFAL.
- BRONCKART, J.P. (1996) “Genres de textes, tapes de discours et opérations psycholinguistiques”. *Enjeux*, 36-37.
- BAKHTIN, M. (1979) *Esthétique de la création verbale*. Paris, Gallimard.
- CUNHA, D. (1992) *Discours rapporté et circulation de la parole*. Leuven/Louvain-la-Neuve, Peeters/Louvain-la-Neuve.
- FOULCAULT, M. (1969) “Qu’est-ce qu’un auteur?” In *Bulletin de la Société Française de Philosophie*.
- FRANÇOIS, F. (1998) *Le discours et ses entours*. Paris, L’Harmattan.
- FRANÇOIS F. et al (1984) *Conduites linguistiques chez le jeune enfant*. Paris, PUF.
- FREEDMAN, A. e MEDWAY, P. (1994) *Learning and teaching genre*. Portsmouth, NH, Heineman.
- GENETTE et al. (1986) *Théorie des genres*. Paris, Seuil.
- LANE, P. (1992) *La périphérie du texte*. Paris, Nathan.
- NORMAS SOBRE CORRESPONDÊNCIAS E ATOS OFICIAIS – 1998- 5ª edição*. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria Executiva. Brasília.
- TODOROV, T. (1978) *Les genres du discours*. Paris, Seuil.